

ciudad y de las subjetividades urbanas dentro de la literatura y no de cómo esta literatura ayuda a formar subjetividades fuera del texto. Es decir, emplea un modo de análisis bastante tradicional: el de hablar del contexto socio-histórico antes de discutir la representación de este contexto en ciertos textos. De hecho, es difícil mostrar cómo la literatura no es simplemente un reflejo de una realidad ya existente sino una influencia importante en la constitución de esta “realidad”. Habría, por ejemplo, que discutir la circulación de estos libros, hablar de cómo se distribuyen y de quiénes los leen. Y esta información (de editoriales, de librerías) es difícil de conseguir de manera sistemática. Este tipo de investigación está fuera del intento abiertamente introductorio del libro. Sin embargo, al poner más énfasis en analizar la representación de Buenos Aires que en la relación ciudad-subjetividades urbanas-cultura urbana, el libro no cumple con el propósito articulado por Foster mismo.

Apesar de estas debilidades, es un estudio valioso e interesante. Sería útil para cursos subgraduados sobre la cultura argentina o sobre la ciudad y la cultura los cuales proponen incluir otros medios artísticos más allá de la literatura. Les dará a los estudiantes un panorama amplio de la cultura porteña contemporánea. Lo que no nos ofrece es una visión más compleja de cómo se influyen la ciudad y la cultura.

Ohio State University

LAURA PODALSKY

ELIZABETH A. MARCHANT. *Critical Acts: Latin-American Women and Cultural Criticism*. Gainesville: University Press of Florida, 1999.

*Critical Acts* analiza a produção crítico-literária de três escritoras latino-americanas que escreveram durante a primeira metade do século XX: a brasileira Lúcia Miguel Pereira, a argentina Victoria Ocampo e a chilena Gabriela Mistral. Tem como objetivo examinar a circulação do conhecimento dentro de contextos culturais específicos, contrastar a escrita “feminina” e “masculina” e o espaço público e o privado.

Elizabeth A. Marchant argumenta como a escrita destas três mulheres apresenta um comentário sobre o desenvolvimento da produção literária da primeira metade do século XX na América Latina, ao mesmo tempo que examina as dificuldades que as mulheres encontraram para se projetar num espaço público. A autora analisa também as várias estratégias discursivas usadas por Pereira, Ocampo e Mistral, examina o discurso crítico que elas desenvolveram e avalia as pausas, silêncios e compêndios da história literária e cultural na América Latina. Marchant discute como estas escritoras representaram o papel das mulheres nas letras e a sua participação no discurso da época em que os homens dominaram o campo da produção crítica e literária.

Avaliando algumas posições literárias e críticas adotadas por Pereira, Ocampo e Mistral, “The Bearded Academy”, o primeiro capítulo, contextualiza o *status* educacional da mulher latino-americana, apresentando uma visão panorâmica do assunto. Analisa a reforma educacional implementada no final do século XIX e no começo do século XX que se baseava nos modelos norte-americanos e no desenvolvimento das “escolas normais”.

Posiciona ainda várias questões que são desenvolvidas nos capítulos seguintes, tais como a instabilidade de ser uma escritora latino-americana que se atreve a intervir no jogo cultural, e como as relações de poder e os significados culturais interagem com a imagem da mulher-escritora. Marchant aponta para os perigos da crítica literária que se detém apenas na questão de gênero, esquecendo-se da questão de classe e raça. Critica o desejo de Debra Castillo (*Talking Back*) de derivar uma “fórmula” para descrever a escrita das mulheres latino-americanas e elogia o trabalho desenvolvido no Seminário Emilie Bergmann (“Women Culture and Politics in Latin America”) em que se examina o relacionamento de mulheres com política e cultura.

No segundo capítulo, “Lúcia Miguel Pereira and the Era(c)ing of Brazilian National Literature”, Marchant apresenta sinopses dos romances (*Maria Luiza, Em Surdina, Amanhecer e Cabra Cega*), centrando sua discussão no trabalho de crítica literária (*Prosa de Ficção*). Discute questões de autoridade literária e o contraste entre a crítica de Pereira e os temas dos seus romances. Ao analisar as contradições da obra de Pereira, Marchant questiona a posição que Pereira, argumentando que ela apresenta um ideal impossível para a literatura brasileira: distinguir-se da literatura europeia e, ao mesmo tempo, usá-la como modelo.

A discussão que Marchant apresenta sobre a obra crítica de Pereira é sólida, mas ela está ciente que a sua análise se distancia do debate sobre questões de gênero e da produção cultural da mulher: “If my reading of Lúcia Miguel Pereira’s literary criticism leads away from discussions of gender, this is due to the fact that her critical work does not treat issues of gender as integral to the problem of the nation” (44). Marchant argumenta que, ainda que Pereira se silencie na sua crítica literária sobre o trabalho de outras escritoras, os seus romances enfatizam assuntos que se relacionam com mulheres.

O terceiro capítulo, “From Consumption to Production: Victoria Ocampo as Cultural Critic”, discute como Ocampo não distingue entre a escrita crítica e a autobiográfica. Marchant enfatiza as contradições da produção crítica e literária de Ocampo que se esforça para criar pontos de contato entre as Américas e a Europa, mas acaba se deixando dominar pela crença na superioridade da literatura e da cultura europeias. Este capítulo analisa a participação de Ocampo na revista *Sur*, enfoca como o “feminismo” dela se manifesta em *Testimonios*, e como ela aborda problemas relacionados mais com classe do que com gênero. Discute também outros tópicos como o nacionalismo cultural, o poder autorial e a influência das normas eurocêntricas para se definir a produção cultural na América Latina. Conclui que “Ocampo successfully inhabited the structures of power available to her” (79).

O quarto capítulo, “Nation and Motherhood in Gabriela Mistral”, analisa o papel maternal que os críticos adotaram para ela, ignorando outros aspectos do seu trabalho que não se enquadram nestes parâmetros. Marchant elabora sobre as contradições encontradas na obra de Mistral que apregoava a necessidade da mulher se ater a papéis tradicionais dentro do espaço nacional ao mesmo tempo que criava um utopia doméstica sobre a necessidade de resistir à “homogenização da modernidade”. Discute a participação de Mistral na campanha de alfabetização do México, as posições adotadas por ela sobre os papéis das mulheres na formação da cultura nacional, educação e nacionalismo. Analisa o impacto e as contradições existentes em *Lecturas para mujeres* para concluir que a visão de Mistral sobre educação para mulheres era muito mais conservadora do que se costumava pensar:

“What emerges is a sense of her paradoxical engagement with the national, paradoxical because her position implicitly critiques the absence of women in discourses of nationalism while calling up the conservative position that women maintain [in] traditionally inscribed gender roles” (89).

Provavelmente a escolha de outras escritoras brasileiras, como Adalzira Bittencourt (1904-1976) e/ou Ercília Nogueira Cobra (1891-data desconhecida), teria facilitado comparações mais explícitas entre a produção cultural e crítico-literária dessas escritoras sobre gênero e nação (e até mesmo a análise das contradições inerentes nos seus discursos). A discussão apresentada no último capítulo sobre a posição de Gabriela Mistral em relação à nação e à maternidade, bem como as contradições existentes no seu discurso crítico-literário, encontram um equivalente nos textos de Adalzira Bittencourt (veja, por exemplo, *Sua Excia: a presidente da República no ano 2500*, publicado em 1929). Toda a problemática apresentada sobre a questão da modernização/industrialização e a ambivalência, referente a Mistral, também encontra ecos em *Sua Excia*. A campanha desenvolvida por Ercília Nogueira Cobra para que as mulheres brasileiras imitassem os modelos norte-americanos e europeus também tem muito em comum com o que Marchant descreve como a grande contradição da obra de Ocampo.

Ainda que a escolha de Lúcia Miguel Pereira para as discussões desenvolvidas possa não ter sido a mais acertada, o trabalho que Marchant desenvolveu apresenta várias características que o distinguem como sério, bem elaborado e bem documentado, ou seja, é um livro que apresenta uma pesquisa extensa e uma grande capacidade de argumentação. Oferece uma leitura cultural e crítico-literária da obra de Pereira, Ocampo e Mistral de maneira inovadora, enfocando os méritos, acertos e desacertos da obra delas. É óbvio que Marchant tem como objetivo desmistificar conceitos, imagens e mitos criados em torno dessas escritoras ou que foram desenvolvidos por elas mesmas, delineando os paradoxos e as contradições existentes na esfera pública e privada delas. Examina problemas de recepção e interpretação de textos escritos por mulheres na primeira metade do século e mostra como o trabalho dessas escritoras representa as contradições e os conflitos que elas experimentaram como mulheres intelectuais numa produção cultural e literária dominada por homens.